

7.00.00.00-0 CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 PSICOLOGIA

MÁ-FÉ, ANGÚSTIA E LIBERDADE: UM ESBOÇO DA PSICANÁLISE EXISTENCIAL A PARTIR DA INVESTIGAÇÃO ANALÍTICA DE *A NÁUSEA*<sup>1</sup>

REBECCA LOISE DE LUCIA FREIRE<sup>2</sup>

Curso de Psicologia – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

MARCOS ORESTE COLPO<sup>3</sup>

Departamento de Métodos e Técnicas – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

RESUMO: TRATA-SE DE UM ESBOÇO DA PSICANÁLISE EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE ATRAVÉS DA ÊNFASE DADA EM TRÊS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE SUA ONTOLOGIA: MÁ-FÉ, ANGÚSTIA E LIBERDADE. A INVESTIGAÇÃO ANALÍTICA DE “A NÁUSEA” PERMITIU SER FEITA UMA DISCUSSÃO E ILUSTRAÇÃO DE TAIS CONCEITOS COM AS SITUAÇÕES VIVENCIADAS POR ANTOÏNE ROQUENTIN, O PROTAGONISTA DA TRAMA. FEZ-SE, OUTROSSIM, UMA BREVE RETOMADA NA IMPORTÂNCIA QUE O FILÓSOFO CONFERE À LITERATURA PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE HUMANA. ESTA PESQUISA TEVE COMO PRINCIPAIS OBJETIVOS PESQUISAR AS CONTRIBUIÇÕES SARTRIANAS PARA A DEFINIÇÃO DE HOMEM E DIFUNDIR O SEU PENSAMENTO.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise Existencial, Sartre, Má-fé, Angústia, Liberdade.

---

<sup>1</sup> Pesquisa de Iniciação Científica realizada pelo Programa PIBIC-CEPE durante o período de Agosto de 2011 a Agosto de 2012. Pesquisa idealizada pela aluna sob orientação do Prof. Dr. Marcos Oreste Colpo.

<sup>2</sup> Psicóloga formada pela PUC-SP em 2012. Atualmente é membro do núcleo de Psicanálise e Sociedade dos Programas de Estudos Pós-graduados do Mestrado em Psicologia Social da PUC-SP. Desenvolve pesquisa teórica nas áreas de psicologia social e psicanálise lacaniana sob orientação de Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

<sup>3</sup> Possui graduação em PSICOLOGIA (1975), mestrado e doutorado em FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO pela UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP 2002 e 2007. Professor doutor do curso de Psicologia da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO e coordenador do curso de Psicologia da PUCSP - Campus Barueri. Título de especialista em Psicologia Clínica, atendimento clínico de adolescentes, adultos e casais na Abordagem DASEINSANALÍTICA. Membro efetivo e diretor da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DASEINSANALYSE - ABD (Filiada à International Federation of Daseinsanalysis - Zurich-Suíça) e coordenador da Revista Daseinsanalyse - publicação anual.

## Introdução

Em 1938, Jean-Paul Sartre publica “A Náusea”, o seu primeiro romance, e ganha maior notoriedade, consagrando-se enfim como um importante influente do pensamento francês. O livro ganha forma e densidade através das descrições confessionais de Antoine Roquentin, personagem principal, nas páginas de seu diário. A investigação analítica deste livro, apoiando-se nas obras filosóficas de autoria do próprio autor, nos dados colhidos sobre a sua vida através do documentário “Sartre par lui-même” (1976)<sup>4</sup>, nos estudos de Schneider (2002), Bornheim (1971) e outros, permite-nos afirmar que toda a narrativa de “A Náusea” já traz em seu conteúdo o pensamento filosófico existencialista de Sartre que, posteriormente, dedicou-se a teorizá-lo em seu ensaio ontológico “O Ser e o Nada” (1943).

Extensas e escritas com afinco, Sartre, afora o material de cunho literário e filosófico, produziu biografias de célebres personalidades francesas como Charles Baudelaire (1947), Jean Genet (1952) e Gustav Flaubert (1971) a fim de fazer uma exposição de sua doutrina e de seu pensamento acerca do homem concreto a partir da investigação das variáveis históricas, culturais, materiais e sociológicas que compuseram a vida de tais artistas (Schneider, 2006). Inspirados na tarefa de Sartre em realizar estas biografias, empenhamo-nos em analisar o personagem principal do romance de 38, Antoine Roquentin, com o objetivo tanto de compreender a vivência da náusea do protagonista como, também, de elaborar um esboço da psicanálise existencial empregando maior atenção nos conceitos de má-fé, angústia e liberdade. Ao longo da análise do livro e da discussão em torno dos conceitos supracitados, desenvolveu-se uma contextualização pouco exaustiva desta obra e fez-se um retrato da importância da literatura dentro da produção do filósofo.

Sobre o casamento entre a literatura e a filosofia, Sartre traz que enquanto a literatura faz uma compreensão da realidade humana sem estar consciente de si ao retratá-la, a filosofia, por sua vez, tem a tarefa de

---

<sup>4</sup> Documentário com produção de Pierrie-André Boutang e Guy Seligmann, no qual aparece a gravação de uma entrevista de mais de três horas com Sartre, na presença de Simone de Beauvoir, Jacques Bost, Andre Gorz, Marie Olivier, François Perier, Jean Pouillon e Serge Reggiani (amigos, companheiros e ex-alunos do autor). Estreou no Brasil no ano de 1976.

conceituar a realidade humana (Souza, 2003). Em “Qu’est-ce que la littérature?”<sup>5</sup> (1948), Sartre teoriza sobre os diferentes engajamentos literários. A literatura, segundo ele, estaria implicada na compreensão das circunstâncias humanas e a filosofia na elucidação da visão de homem. Em fala documentada em 1976, Sartre revela que “A Náusea” traz em sua narrativa a carapaça de sua filosofia. Inclusive a estética de “A Náusea” conduz-nos a uma melhor compreensão da dialética presente no pensamento sartriano: o leitor, acompanhando o diário de Antonin Roquentin, sente na pele a máxima “*a existência precede a essência*” (Sartre, 1946). É no formato da prosa, segundo Sartre, que as palavras servem como signo, representando o significado a ele correspondente. O escritor, na relação com o leitor, faz com que ele tenha propriedade de sua liberdade, que se reconheça como homem ao revelar situações humanas em sua obra.

No livro “A Náusea”, Sartre traz, enredada aos acontecimentos relatados por Roquentin, a sua ideia de contingência. Poelman (1981), escreve sobre isto:

A descoberta máxima de “La Nausée” é, portanto, a da pura contingência, do absurdo do existente. É absurdo existirem coisas, é absurdo existirem o homem. É essa verdade que em nível visceral dá ânsia de vômito, dá náusea. A náusea é a vivência corporal do fato de que o homem é um existente livre e contingente; é a vivência da gratuidade, da não necessidade de tudo que existe, inclusive o próprio indivíduo, e de tudo que ele possa fazer (p. 26).

Bornheim, em seu livro “Sartre: Metafísica e Existencialismo” (1971), escreve que o método do romance de 38 se resume nesta fórmula: “um caminhar que vai do desconhecido ao conhecimento” (1971, p. 17).

## 1. Desenvolvimento

Antoine Roquentin é um jovem historiador francês, ruivo, que reside em Bouville, na França, para escrever uma biografia sobre o Marquês de Rollebon. Há três anos se hospeda no Hotel Printania e frequenta quase sempre sozinho

---

<sup>5</sup> Tradução: “Que é a literatura?”

- quando tem a sorte de não se deparar com algum desconhecido de quem sabe a face -, os seus cafés preferidos, Café Mably e Rendez-vous de Cheminot. As pessoas com quem se relaciona, de modo mínimo e superficial, são os trabalhadores e donos dos comércios que fazem parte do seu cotidiano. Conhece o Autodidata, assim nomeia em seu diário o sujeito do qual não sabe o nome, da biblioteca que costuma ir para fazer a pesquisa sobre a vida do Marquês. Desconhecidos que andam pela rua, que encontra em suas idas ao museu, alguns familiares, em forma de lembrança de um passado frouxo e distante, e as coisas ao seu redor (banco, papel no chão, copo de cerveja, entre outros) aparecem nas páginas de seu diário como referências importantes ao desencadeamento dos seus questionamentos sobre a sua condição de existir. Anny, a sua antiga namorada de quatro anos atrás, de todos os personagens, é quem tem maior significado afetivo para ele.

Nas primeiras páginas do diário de Antoine Roquentin que o leitor tem sob seus olhos, Roquentin menciona sobre uma mudança, estranha em sua origem, conteúdo e sentido, que vêm sentindo nos últimos dias: “Ocorreu uma mudança durante essas últimas semanas. Mas onde? É uma mudança abstrata que não se fixa em nada. Fui eu que mudei? Se não fui eu, então foi esse quarto, essa cidade, essa natureza; é preciso decidir” (Sartre, 1938/2006, p. 16). Inicialmente descreve as sensações dessa estranha mudança como “uma espécie de enjôo adocicado”, “uma espécie de náusea nas mãos”. Em outra situação, numa segunda crise de estranhamento, nomeia-a: “As coisas não vão bem! Não vão bem de modo algum: estou com ela, com a sujeira, com a Náusea.” (Sartre, 1938/2006, p. 32). Para ele, a *Náusea* vinha das coisas, dos objetos e apossava-o.

Dia após dia em seu diário, o jovem Antoine descreve a sua entrega à dor e ao desespero. Colocava-se em uma posição de passividade diante de seu sofrimento, não o sentia de modo autêntico. Tomado pela improvisação de suas emoções, sentidas descontroladamente, o personagem seguia a falta de rumo - de projeto - de sua vida.

A definição de Roquentin sobre ele próprio revela o quanto se colocava inerte ao sentido de sua existência: “[sou] um homem inteiramente sozinho, só

com seu corpo, [que] não pode reter as lembranças; elas passam através dele” (Sartre, 1938/2006, p. 87). Roquentin, em suas revelações, convence a si próprio que a sua liberdade consiste em justamente não reter o ‘tempo’. O sentimento de aventura, que entendia como uma posição solene que gostaria de alcançar, consistia numa irreversibilidade do tempo. Desejava reter o tempo.

Deixando-se levar por recordações de sua vida, despertadas pela música que elege como uma potência imbatível, como a única capaz de fazer com que a sua náusea dissipasse – “Some of these days”-, Roquentin se dá conta de que não teve aventuras na vida. Diferencia *narrar* aventuras de *viver* aventuras e então compreende que era preciso recomeçar a *vivê-las*: “Quis que os momentos da minha vida tivessem uma sequência e uma ordem como os de uma vida que recordamos. O mesmo, ou quase, que tentar capturar o tempo” (Sartre, 1938/2006, p. 57).

Preso em como recomeçar a viver, define-se como um observador do tempo alheio. Agia e pensava como se ele não fosse autor de seu próprio existir. Sente-se assim, também, em relação ao seu trabalho de historiador: “como então, eu, que não tive forças para reter meu próprio passado, posso esperar salvar o de outra pessoa? (...) só pedia uma coisa: que me deixassem acabar o meu livro em paz” (Sartre, 1938/2006, p. 122). Este modo de conceber o seu pensamento como alheio a ele, como se os outros e mesmo as coisas fossem responsáveis por seu ser no mundo, remete ao conceito sartriano de má-fé.

Enquanto Roquentin espera encontrar algo que o explique, que o determine, ou seja, enquanto Roquentin deseja tornar-se ‘em-si’, ele não assume o seu ser, desde modo não é capaz de ultrapassar esta experiência para enfim modificá-la. Roquentin age de má-fé, recusa-se em assumir o nada de seu ser. Para o filósofo Sartre, a consciência é um princípio existencial: “eu penso, logo eu sou”. Sartre define a sua ontologia a partir da *dialética* entre o *ser* e o *nada*, entre o *em-si* e o *para-si*, entre a *objetividade* e a *subjetividade*. A consciência, que possibilita o nada, não define o homem através de seus conteúdos pois a consciência não é seu próprio motivo. Em “O ser e o nada”, Sartre nos traz que “é necessário que o ser consciente se constitua em relação

a seu passado separado dele por um nada; que seja consciente desta ruptura de ser, não como um fenômeno padecido, e sim como estrutura da consciência que é” (1943/1997, p. 71). O nada é origem absoluta de si mesmo e só vem ao mundo através do homem. E o homem, sendo autonadificador, tira sua origem de si próprio, eis por que os estados de consciência não determinam nem definem o homem.

Para Sartre, o homem não é mais do que o que ele faz. O homem, então, não é inteiramente definido, explicado ou determinado pois o homem é liberdade. E a náusea, que entendemos como equivalente à angústia, é justamente a tomada de consciência das infinitas possibilidades que somos, de que estamos condenados à liberdade. Isto justifica a máxima “a existência precede a essência” trazida na conferência de 46.

A vivência do entendimento da náusea por Roquentin aconteceu num insight surgido durante uma densa conversa que o personagem travava com o Autodidata. Refletia ele sobre a sua vontade de se encaixar em algum lugar do mundo, quando, de repente, foi tomado por uma ânsia de vômito, tomado pela náusea. Impulsionado por uma espécie de filme-pensamento, em que recorda todas as situações em que fora ‘apossado’ pela náusea, decide tomar rumo, quer ir a algum lugar, mas não sabe como nem aonde ir. Então, sentido-se um “carangueijo que fogia”, Roquentin consegue sair do restaurante e cai em devaneios. Chega, então, na seguinte compreensão:

A náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu (Sartre, 1938/2003, p. 159).

Apenas no momento em que Roquentin identifica-se com a náusea, isto é, que dá sentido a sua existência ao compreender que é angústia, é que constata o possível de sua existência e a liberdade que se aplica a isto. Este trecho de Belo elucidava o que foi aludido acima: “É porque somos primeiramente livres, porque o ser do homem é liberdade, porque nada pode nos determinar à maneira de uma sequência lógica, que podemos ter angústia. A angústia é a constatação do possível que somos” (Belo, 2003, p. 45).

Ao passar da definição de que “estou com a náusea” para “a náusea sou eu”, ou seja, ao passar do desconhecimento ao conhecimento de sua liberdade, Roquentin consegue elaborar um projeto-de-ser. Abandona a sua pesquisa sobre a vida de Marquês de Rollebon, decide-se mudar para Paris e encoraja-se na feitura de um livro que pudesse envergonhar as pessoas de suas próprias existências. O que nos remete ao que Sartre denomina como engajamento literário da prosa, que tem o poder de compreender a realidade humana e desvelar o homem ao próprio homem. Passado ele pelo aprisionamento de si, afundado em desconhecimento, ao vôo de se saber liberdade, Roquentin, de forma autêntica, sente-se imbuído na tarefa de envergonhar as pessoas que procedessem de má-fé para que se tornem responsáveis pelo seu ser: “[o homem é] livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (Sartre, 1946/1978, p. 15).

Todo ato humano, segundo o existencialismo de Sartre, é expressão da liberdade e acontece por um princípio intencional e, portanto, é determinado pelo nada. Sendo determinado pelo nada, o ato humano não encontra uma explicação causal, justificações, desculpas ou valores. Nas palavras de Bornheim, a liberdade, expressa pelas ações, “não tem essência, instaura-se desprovida de qualquer necessidade lógica” (1971, p. 111).

A escolha original coincide com a escolha feita conscientemente do projeto livre e global do homem feito por ele próprio, como se assume para o outro e como se assume para si mesmo. Escolha e consciência são análogas; sendo a consciência intencional, não há liberdade sem o dado (em-si), todavia, este dado não funciona como fator condicionante da liberdade, pois a liberdade também é negação do dado – característica básica do para-si. Todavia, Sartre nos fala, também, de um condicionamento ontológico da liberdade: toda liberdade está em situação. Sobre isto, Bornheim escreve: “A situação se apresenta como um “produto comum”, um “fenômeno ambíguo”, que deriva da contingência da liberdade e da contingência do em-si: é pela situação que o em-si se transforma em motivo” (1971, p.118). Em outras palavras, a situação é o modo como o para-si nadifica o em-si. A situação se estabelece sobre o cenário da facticidade e a liberdade, por sua vez, é a apreensão da facticidade. Um trecho localizado na segunda parte – “Liberdade e facticidade: A situação” -

do Capítulo I Ser e Fazer da quarta parte de “O Ser e O Nada” teoriza de maneira clara o que aqui foi trazido:

“(…) a fórmula “ser livre” não significa “obter o que se quis”, mas sim “determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher)”. Em outros termos, o êxito não importa em absoluto à liberdade. A discussão que opõe o senso comum aos filósofos provém de um mal-entendido: o conceito empírico e popular de “liberdade”, produto de circunstâncias históricas, políticas e morais, equivale à “faculdade de obter os fins escolhidos”. O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha. É preciso observar, contudo, que a escolha, sendo idêntica ao fazer, pressupõe um começo de realização, de modo a se distinguir do sonho e do desejo” (Sartre, 1943/1997, p. 595).

Feita a compreensão sobre o mérito de sua náusea, de que ele é náusea e de que a realidade humana não tem um motivo específico que a determine, de modo que é preciso ser inventada, Roquentin se encanta com sua liberdade e se projeta ao futuro.

### 1.1 Metodologia

Pesquisa de natureza teórica que articulou a relação da obra literária “A Náusea” com a obra filosófica principal de Jean-Paul Sartre, “O ser o nada” (1943), com ênfase nas fundamentações sartrianas sobre má-fé, angústia e liberdade, a partir da investigação analítica do enredo e de sua importância dentro da produção do autor. O trabalho concentrou-se na ontologia do autor “O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica” (1943), mais especificamente a primeira e a quarta parte desta ontologia. Na primeira parte, intitulada “O problema do Nada”, foram discutidos os capítulos um, de título “A Origem da Negação”, e o dois, no qual, dividido em outros três sub-capítulos, a saber “I. Má-fé e Mentira”, “II. As condutas de Má-fé” e “III – A “ ‘Fé’ da Má-fé”, a questão da má-fé é tratada. Também recorreremos à quarta parte, intitulada “Ter, Fazer e Ser”. A conferência intitulada “O existencialismo é um humanismo” (1946), o texto “A Transcendência do Ego” (1937), e a obra “Que é a literatura?”(1948) também foram trabalhados. Outros recursos teóricos foram utilizados como autores que se dedicaram a comentar, analisar, discutir e fazer interlocuções a obra de Sartre, como a tese de doutorado de Daniela

Schneider: Novas perspectivas para a Psicologia Clínica - Um estudo a partir da obra de “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre, a tese de mestrado de Johannes Antonius Wilhelmus Maria Poelman: Os Fundamentos Filosóficos da Psicanálise Existencial em J. P. Sartre, a obra do filósofo Gerd A. Bornheim e o livro “O drama da existência: Estudos sobre o pensamento de Sartre” – que reúne pesquisas de alunos orientados por Franklin Leopoldo e Silva.

## 1.2 Considerações Finais

Foram três os objetivos desta pesquisa de Iniciação Científica: o primeiro refere-se à investigação analítica da obra literária inaugural de Sartre, “A Náusea”. Ainda dentro deste objetivo, explicitou-se a importância da literatura para a compreensão sartriana da realidade humana. O segundo objetivo pautou-se na compreensão dos conceitos *sartrianos* má-fé, angústia e liberdade – noções centrais do legado filosófico de Jean-Paul Sartre que permitem um delineamento da visão, proposta em sua psicanálise existencial, acerca do homem concreto. A partir do estudo e da investigação analítica feita da obra “A Náusea”, procurou-se ilustrar os conceitos supracitados, retratando-os. A pesquisa, como últimos objetivos, permite ser feita uma retomada do pensamento de Sartre, difundindo-o ainda mais, e serve de material para uma reflexão sobre a definição de homem.

## REFERÊNCIAS:

BORNHEIM, Gerd A. **Sartre: Metafísica e Existencialismo**. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

BELO, Renato dos Santos. **Apontamentos acerca da ontologia da consciência em Sartre**. O Drama da Existência – estudos sobre o pensamento de Sartre, São Paulo: Editora Humanitas, FFLCH, USP, 2003. P. 19-60.

POELMAN, Johannes Antonius Wilhelmus Maria. **Os Fundamentos Filosóficos da Psicanálise Existencial em J. P. Sartre**. Mestrado. 1981.

SARTRE, Jean-Paul Sartre. **A transcendência do Ego** (1937) in: Cadernos Espinosanos XXII. Tradução de Alexandre de Oliveira Torres Carrasco. Nº

XXII, 2010. p. 183 - 229  
<http://www.fflch.usp.br/df/epinosanos/ARTIGOS/numero%2022/sartre.pdf>

\_\_\_\_\_ **A Náusea** (1938). Tradução de Rita Braga – 1. Edição Especial. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_ **A transcendência do Ego** (1937) in: Cadernos Espinosanos XXII. Tradução de Alexandre de Oliveira Torres Carrasco. Nº XXII, 2010. p. 183 - 229 <http://www.fflch.usp.br/df/epinosanos/ARTIGOS/numero%2022/sartre.pdf>

\_\_\_\_\_ **O Ser e o Nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica (1943). Tradução de Paulo Perdigão. 14ª Edição. Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_ **O Existencialismo é um Humanismo** - Conferência de 1946. Tradução e notas de Virgílio Ferreira. Lisboa: Ed. Preseça, 1978.

\_\_\_\_\_ **Que é literatura?** (1948) Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3ª Edição. Editora Afiliada, 2004.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. “**Novas Perspectivas para a Psicologia Clínica: Um estudo a partir da obra Saint Genet: Comédien et Martir de Jean Paul Sartre**”. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, 2002.

\_\_\_\_\_ “**Novas Perspectivas para a psicologia clínica a partir das contribuições de J. P. Sartre**”. Interação em Psicologia Clínica, jan/jun. 2006, (10) 1, p.101-112.

SOUZA, Thana Mara de. **A literatura para Sartre: a compreensão da realidade humana**. O Drama da Existência – estudos sobre o pensamento de Sartre. São Paulo: Editora Humanitas, FFLCH/USP, 2003. P. 120-165.